

No outro dia, Mary Foxe — a última pessoa do mundo que eu estava à espera de ver — passou pela minha casa. Se soubesse que ela ia aparecer, teria arrumado e limpo a casa. Ter-me-ia penteado e barbeado. Pelo menos, teria posto um fato, pois esforço-me por ter um ar profissional. Estava sentado no escritório, a escrever mal, apenas a garatujar palavras no papel, à espera de que me ocorresse qualquer coisa boa, uma frase que pudesse guardar. Naquele dia, isso estava a demorar mais tempo do que era habitual, o que não me preocupava. As janelas estavam abertas. Ouvia vagamente qualquer coisa de Glazunov; ele tem uma sinfonia que é impossível ouvir com as janelas fechadas. Enfim, creio que é possível, mas uma pessoa fica agitada e começa a correr e a atirar-se contra as paredes. Mas talvez seja imaginação minha.

A minha mulher estava no andar de cima. A ver revistas, a pintar ou qualquer coisa assim, quem sabe o que Daphne faz? Passatempos. A sinfonia no meu escritório estava tão alta quanto possível, mas isso não era nada de novo, e ela nunca se queixou do ruído. Não se queixa de nada do que eu faço; é fisicamente incapaz de o fazer. Isso deve-se ao facto de eu a ter condicionado desde o princípio. Disse-lhe, num tom afetuoso, que uma das razões por que a amo é por nunca se queixar. De modo que agora, como é evidente, ela não se atreve a queixar-se.

De qualquer modo, deixei a porta do escritório aberta, e Mary entrou furtivamente. Sem erguer os olhos, fiz um sorriso terno e murmurei:

— Olá, meu amor...

Pensei que era Daphne. Não a via há algum tempo e, tanto quanto sabia, ela era a única outra habitante da casa. Como não respondeu, ergui os olhos.

Mary Foxe aproximou-se da minha secretária de mão estendida. Queria dar-me um aperto de mão. Um aperto de mão! A minha musa há tanto tempo ausente entra toda descontraída para me apertar a mão. Atirei-lhe com o telefone. Agarrei-o em cima da secretária, puxei-o com tanta força que o fio que o ligava à parede saltou da tomada e arremessei-o. Ela esquivou-se airosamente. O aparelho foi aterrar no chão ao lado do cesto dos papéis e ficou a tilintar durante uns segundos. Creio que o atirei com pouca convicção.

— Tu e o teu feitiço — disse Mary.

— Quanto tempo passou... seis, sete anos? — perguntei.

Ela puxou uma cadeira de um canto da sala, pegou no meu globo e sentou-se diante de mim, a fazer girar oceanos no colo incessantemente. Fiquei a olhar para ela, incapaz de refletir. É a maneira como ela se move, a maneira como olha para nós. E julgo que o seu sotaque inglês também desempenha um papel.

— Sete anos — concordou ela.

Depois perguntou-me como tinha passado. Num tom despreocupado, como se já soubesse o que eu ia responder.

— Como de costume. Apaixonado por ti, Mary.

O que mais desejava era não estar sempre a dizer-lhe isso. Nem sequer penso que seja verdade. Mas quando ela está por perto é como se tivesse de tentar. Quero dizer, seria bom se ela acreditasse em mim.

— A sério?

— A sério. És a única mulher que conta para mim.

— A única mulher que conta para ti — repetiu ela, a rir para o teto.

— Ri-te, ri-te, magoa os meus *sentimentos*... Tu queres lá saber — disse eu, com um ar pesaroso, mas no fundo divertido.

— Ah, tu e os teus sentimentos. Bem, vamos lá avançar, Mr Fox. Amavas-me se eu fosse teu marido e tu fosses minha mulher?

— Isso é um disparate.

— Mas amavas-me?

— Bem, sim, é possível.

— Amavas-me se... fôssemos os dois homens?

— Mmm... acho que sim.

— Se fôssemos os dois mulheres?

— Claro.

— Se eu fosse uma feiticeira?

— Mesmo sendo como és, já te acho encantadora.

— Se tu fosses minha mãe?

— Basta — disse eu. — Sou louco por ti, está bem?

— Ah, tu não me amas — disse Mary. Desabotoou a gola do vestido, descobrindo o pescoço. — Tu adoras isto.

Desabotoou ainda mais e segurou os seios com as mãos em concha. Puxou a saia até acima dos joelhos, das coxas, ainda mais para cima, e olhámos ambos a sua doçura, a sua suavidade, os seus folhos de renda.

— Tu adoras isto — repetiu.

Anuí com um gesto de cabeça.

— Isto é a única coisa que adoras — disse ela, puxando os cabelos e esbofeteando o rosto.

Se não fosse a serenidade do seu olhar, eu teria pensado que ela enlouquecera. Pus-me de pé para a fazer parar mas, no mesmo instante, ela parou sem a minha intervenção.

— Não quero que gostes disto. Tens de mudar — disse ela.

A sinfonia terminou, e eu dirigi-me à grafonola e pu-la de novo a trabalhar.

— Tenho de mudar? Isso significa que queres ouvir-me dizer que te amo... — permiti-me fazer um sorriso desdenhoso — pela tua alma?

— Não é isso. Tudo o que quero dizer é que tens de mudar. És um patife.

Esperei uns instantes, para ver se ela estava a falar a sério e se tinha alguma coisa a acrescentar. Estava, e não tinha. Fitou-me — com aquele olhar gélido, como se me odiasse. Assobiei.

— Um patife, dizes tu. Achas? Vou à missa quase todos os domingos, Mary. Dou esmola aos mendigos. Pago os meus impostos. E todos os anos, pelo Natal, envio um cheque para a obra de beneficência favorita da minha mãe. Onde está a patifaria no meio de tudo isto? Em parte nenhuma, é onde ela está.

A porta do escritório continuava aberta, e pus-me à escuta para ver se ouvia sinal da minha mulher. Mary ajeitou a roupa a fim de readquirir um ar respeitável. Seguiu-se um silêncio breve, embora pesado, que Mary acabou por quebrar:

— Assassinas mulheres. És um assassino em série. Estás a entender?

Entre todas...

Não estava à espera daquela.

Aproximou-se da minha secretária, pegou num dos blocos de notas, e leu umas linhas em silêncio.

— Podes dizer-me porque é necessário Roberta serrar uma mão e um pé e sangrar até à morte diante do altar?

Passou mais umas páginas.

— Especialmente atendendo a que esta outra história termina com Louise a cair por terra crivada de balas, por os rebeldes da montanha a terem confundido com o irmão dela, que é um traidor. E será preciso a Mrs McGuire enforcar-se num puxador de porta por ter tanto medo do que o Mr McGuire irá fazer quando chegar a casa e descobrir que ela deixou queimar o jantar? Num puxador de porta? Sinceramente, Mr Fox.

Apercebi-me de que estava a sorrir — exatamente o oposto do que queria que o meu rosto fizesse. Desdenhoso e severo, disse ao meu rosto. Desdenhoso e severo. Não embatucado...

— Não tens sentido de humor, Mary — disse.

— Tens razão. Não tenho.

Fiz uma nova tentativa:

— É ridículo ser tão sensível em relação ao conteúdo da ficção. Isso não tem nada de real. São tudo jogos.

Mary enrolou no dedo uma madeixa de cabelo.

— Ah... então o que se passa é que... sonhamos, é bom sonhar. Se não estivéssemos a dormir, ficaríamos magoados. Mas uma vez que é um jogo, podes matar-nos. E... jogamos... gritamos...

— Eu próprio não teria dito melhor.

— O que serias capaz de fazer por mim? — perguntou ela.

Analisei a sua expressão, e ela pareceu-me perfeitamente séria. Estava a fazer uma proposta.

— Matar um dragão. Dez dragões. Quantos quiseres — respondi.

Ela sorriu.

— Fico feliz por alinhares no jogo. É bom sinal.

— A sério? Muito bem. A propósito, de que estávamos a falar?

— Tens de ser flexível — disse ela.

Ao que parecia, eu tinha aceiteado um desafio. Só que não fazia ideia de qual fosse.

— Não me vou esquecer disso. Quando começamos?

Ela aproximou-se de mim.

— Agora mesmo. Estás com medo?

— Eu? Não.

O curioso é que eu estava a tremer, embora só um bocadinho. De súbito, agarrou-me pelo pescoço. O gesto era terno, o que, vindo da sua parte, me preocupou ainda mais. A minha mão cobriu a dela — creio que a tentar libertar-me.

— Estás pronto? — perguntou ela. — Agora...